

SAÚDE E PSICANÁLISE: A ESCUTA COMO OBJETO DE ESTUDO NO PROCESSO DA CURA

Marta Maria dos Santos Cipriano¹
Francisca Vilani de Souza²

RESUMO

A comunicação no processo de tratamento com a psicanálise não se dá apenas de forma verbal. Os silêncios e os sinais não verbais entregues pelo paciente pode projetar informações pontuais a serem interpretadas pelo analista no processo de escuta. Portanto, as contribuições psicanalíticas encontram suas próprias soluções e acrescentam novas nuances à maneira pela qual um analista escuta a comunicação do paciente. Este estudo tem como objetivo identificar a contribuição da escuta no processo de intervenção e cura do paciente. É uma pesquisa qualitativa, exploratória e de campo. O instrumento de coleta de dados foi a observação participante com seis adolescentes matriculados em uma escola pública. A base teórica está fundamentada em Nasio (1999), Coutinho (2007), Abel (2013), Akhtar (2016) entre outros. As diferentes formas de escutas destacam sobreposições expressivas. No entanto, cada olhar interpretativo deve ser considerado separadamente considerando que há um complemento em cada conjectura e associação livre do paciente. A postura do analista aprofunda o conhecimento do psicanalista sobre o paciente. No entanto, se faz necessário observar se a subjetividade contribui para iluminar o inconsciente do paciente no sentido de voltar a consciência. E, assim inclui o depósito de pensamentos impensáveis no sentido de devolver ao analista o que o paciente não suporta sentir ou pensar. Esse, precisa também desenvolver habilidade para realizar regressões controladas e reversíveis, aplicar a empatia e desenvolver ações significativas para o paciente.

Palavras-chave: Paciente, Escuta, Psicanálise.

1 Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Internacional Tres Fronteras - UNINTER/PY. Professora do quadro Efetivo do SEDUC/SME- EXU/PE. marthaestrela1@hotmail.com

2 Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Internacional Tres Fronteras - UNINTER/PY. Professora do quadro efetivo SEEC/RN. professoravilani@gmail.com

INTRODUÇÃO

A O processo de escuta é um dos pilares fundamentais no trabalho psicanalítico, constituindo-se como o meio através do qual o analista entra em contato com as nuances do inconsciente do paciente. O conceito de “escuta” transcende a simples atenção às palavras faladas, abrangendo também as expressões silenciosas, os gestos, as pausas e os sinais não verbais emitidos pelo analisado. Segundo Coutinho (2007), é na profundidade dessas escutas que o analista consegue acessar as camadas mais ocultas do psiquismo do analisado, possibilitando a intervenção terapêutica adequada.

No contexto da saúde mental, o papel da psicanálise e, especificamente, da escuta, é determinante para a promoção de uma cura que vai além da resolução superficial dos sintomas. Este estudo visa investigar de que maneira a escuta psicanalítica pode ser um objeto de cura, aprofundando-se nos mecanismos através dos quais o inconsciente pode emergir para a consciência durante o processo analítico. A escolha por focar na escuta não é trivial, já que este aspecto tem sido objeto de estudos teóricos e práticos em diversos campos da psicanálise, como argumentam autores como Nasio (1999) e Akhtar (2016).

O presente estudo será desenvolvido com base na observação participante realizada com seis adolescentes matriculados em escolas públicas, que constituem a amostra da pesquisa. O método qualitativo foi escolhido para oferecer uma compreensão profunda e subjetiva das interações entre o analisado e o analista, permitindo que se explore a complexidade dos processos de escuta.

Elencamos três objetivos para nossa pesquisa:

1. Identificar as contribuições da escuta no processo de intervenção psicanalítica.
2. Verificar de que maneira os silêncios e sinais não verbais podem influenciar a compreensão e intervenção do analista.
3. Analisar as sobreposições interpretativas na comunicação analisado-analista e o impacto dessas em uma possível cura.

REVISÃO DE LITERATURA

A ESCUTA EM PSICANÁLISE

O conceito de escuta na psicanálise ocupa um lugar central desde os primórdios da teoria freudiana. Sigmund Freud já apontava que o analista deve “ouvir com a terceira orelha”, o que significa que, além das palavras, é necessário captar os sentidos ocultos por trás do que é dito. Para Freud (1912), a escuta atenta é um dos principais instrumentos do analista, sendo por meio dela que os conteúdos inconscientes do paciente podem ser acessados.

Coutinho (2007) reforça essa ideia, destacando que a escuta psicanalítica vai além de um simples ouvir passivo; trata-se de uma escuta ativa, na qual o analista deve captar as pausas, silêncios e sinais não verbais que, muitas vezes, carregam mais significados do que o discurso verbalizado. Segundo a autora, a escuta em psicanálise se constrói na relação entre analista e analisando, onde ambos contribuem para o desenvolvimento do processo terapêutico.

A ESCUTA COMO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

Nasio (1999) aprofunda a noção de que o processo de cura em psicanálise está diretamente relacionado à forma como o analista conduz a escuta. O autor argumenta que o ato de escutar requer do analista uma postura de neutralidade e de ausência de julgamento, permitindo que o paciente se sinta à vontade para expor suas fantasias, medos e desejos inconscientes. Nasio também sugere que o analista deve estar preparado para “escutar o que não é dito”, ou seja, interpretar os elementos que se manifestam de forma não verbal.

Nesse sentido, Abel (2013) aponta que a escuta psicanalítica é capaz de revelar os “pensamentos impensáveis” do paciente, ou seja, aqueles conteúdos que, por serem muito dolorosos ou conflitantes, foram relegados ao inconsciente. A partir da escuta atenta, o analista pode ajudar o paciente a reintegrar esses conteúdos à consciência, promovendo o alívio do sofrimento psíquico.

A INTERPRETAÇÃO DOS SILÊNCIOS E DOS SINAIS NÃO VERBAIS

Os silêncios ocupam um lugar peculiar na análise, sendo um campo fértil para a interpretação do analista. Nasio (1999) sugere que o silêncio pode

funcionar como uma defesa, uma resistência do paciente em expor determinados conteúdos. Entretanto, esses silêncios também podem ser manifestações inconscientes que revelam aspectos profundos do sujeito, que ainda não foram simbolizados. A função do analista, neste contexto, é permitir que o silêncio se desdobre sem tentar preenchê-lo com palavras, favorecendo a emergência do conteúdo reprimido.

Akhtar (2016) discute o papel dos sinais não verbais, tais como gestos, posturas corporais e expressões faciais, como importantes elementos a serem observados no processo de escuta. Para o autor, esses sinais muitas vezes refletem estados emocionais que o paciente não consegue expressar verbalmente, e cabe ao analista estar atento a essas manifestações para captar o sentido do que é “dito” de forma não verbal.

A SUBJETIVIDADE DO ANALISTA NO PROCESSO DE ESCUTA

Outro aspecto relevante é a subjetividade do analista no processo de escuta. Como destaca Coutinho (2007), o analista não pode ser uma “tábula rasa”, já que ele próprio traz suas experiências, histórias e emoções para a situação clínica. No entanto, o desafio está em como o analista lida com sua própria subjetividade, utilizando-a de forma a favorecer o entendimento do inconsciente do paciente, sem que ela interfira de maneira inadequada no processo terapêutico.

Abel (2013) argumenta que o analista deve ser capaz de realizar “regressões controladas” durante a escuta, isto é, permitir-se entrar em contato com seus próprios sentimentos e vivências, mas sem perder o controle sobre a situação analítica. Essas regressões podem ser essenciais para a construção da empatia com o paciente, permitindo que o analista compreenda melhor os processos emocionais e inconscientes em jogo.

A ESCUTA E A CURA PSICANALÍTICA

A escuta ativa, aliada à capacidade interpretativa do analista, é uma ferramenta essencial no processo de cura em psicanálise. Segundo Akhtar (2016), o objetivo da psicanálise não é apenas a eliminação dos sintomas, mas a promoção de uma transformação profunda no psiquismo do paciente, permitindo que ele compreenda e integre seus conteúdos inconscientes à vida consciente.

Nesse processo, a escuta desempenha um papel central, já que é por meio dela que o analista acessa as dinâmicas internas do paciente.

Para Coutinho (2007), a cura em psicanálise é entendida como a transformação do sujeito em um indivíduo mais consciente de seus desejos, medos e fantasias. A escuta, portanto, não é apenas uma técnica, mas um instrumento fundamental para a reestruturação do inconsciente, possibilitando uma maior compreensão de si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA REVISÃO DE LITERATURA

Os autores revisados concordam que a escuta psicanalítica é um processo complexo que envolve muito mais do que apenas ouvir o que o paciente diz. Trata-se de um processo profundo de interpretação de silêncios, sinais não verbais e conteúdos inconscientes. O analista, ao adotar uma postura neutra e empática, favorece a emergência desses conteúdos, contribuindo para o processo de cura do paciente. Contudo, a subjetividade do analista e sua habilidade em manejar suas próprias emoções e regressões também desempenham um papel crucial na efetividade da escuta.

METODOLOGIA

Abordagem qualitativa, que, conforme aponta Minayo (2009), é apropriada para investigar fenômenos subjetivos e complexos, como a escuta no contexto da psicanálise. O método qualitativo permite uma análise profunda dos significados, percepções e experiências dos participantes, aspectos fundamentais quando se trata de temas ligados à saúde mental e ao processo de intervenção terapêutica.

O caráter exploratório da pesquisa se justifica pela necessidade de compreender, de maneira ampla, como a escuta psicanalítica pode contribuir para o processo de cura de adolescentes em situação de vulnerabilidade emocional. O estudo de campo, por sua vez, foi realizado em um ambiente acolhedor, seguro para os participantes e seus familiares, possibilitando que as observações fossem feitas em um contexto social relevante.

PARTICIPANTES

A pesquisa foi conduzida com seis adolescentes, com idades entre 13 e 16 anos, todos matriculados em escola pública. A seleção dos participantes seguiu critérios de conveniência, baseados na disponibilidade e interesse dos jovens em participar do estudo. Esses adolescentes foram escolhidos por estarem em um momento de vida marcado por intensas transformações emocionais e sociais, o que permite um campo fértil para a investigação psicanalítica.

Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e assinaram, juntamente com seus responsáveis, um termo de consentimento livre e esclarecido, garantindo a adesão voluntária e o cumprimento dos princípios éticos.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O principal instrumento de coleta de dados foi a **observação participante**, que, segundo Lüdke e André (1986), é uma técnica que permite ao pesquisador inserir-se no ambiente dos participantes e observar, de forma ativa, as interações e comportamentos manifestados. Nesse estudo, a observação participante permitiu captar, de forma direta, as manifestações verbais e não verbais dos adolescentes, além dos silêncios que, no contexto da psicanálise, carregam significados latentes.

A observação foi realizada ao longo de cinco semanas, com sessões semanais de aproximadamente 60 minutos cada. O pesquisador assumiu uma postura de analista, mantendo uma escuta ativa e não intrusiva, permitindo que os adolescentes expressassem livremente suas emoções, pensamentos e conflitos, seja por meio de palavras ou sinais não verbais. Todas as sessões foram registradas, detalhando as observações feitas e as interpretações iniciais.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os encontros ocorreram em uma sala organizada pelo pesquisador com horários definidos e acordado com os pais e adolescentes, garantindo a privacidade e a segurança dos participantes. O ambiente foi preparado para que os adolescentes se sentissem à vontade para falar sobre suas experiências pessoais,

sem a presença de elementos externos que pudessem gerar desconforto ou interferir no processo de escuta.

Durante as sessões, o pesquisador adotou uma postura de escuta psicanalítica, buscando captar não apenas o conteúdo verbal dos relatos, mas também os gestos, silêncios e outros sinais não verbais que pudessem oferecer insights sobre o inconsciente dos participantes. Essas manifestações foram registradas e posteriormente analisadas à luz das teorias de Nasio (1999) e Abel (2013), que discutem a importância da escuta para a revelação dos conteúdos inconscientes.

ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi feita por meio da **análise de conteúdo**, conforme descrita por Bardin (2011), que consiste na organização e interpretação dos dados coletados de forma sistemática. Esse método foi escolhido porque permite identificar padrões, temas e categorias emergentes das observações e relatos dos adolescentes, possibilitando a construção de uma interpretação psicanalítica dos dados.

Os registros do diário de campo foram analisados buscando identificar:

1. **Padrões de silêncio:** Qual a frequência e o contexto em que os adolescentes optavam pelo silêncio durante as sessões? Como esses silêncios poderiam ser interpretados à luz da teoria psicanalítica?
2. **Sinais não verbais:** Quais gestos, expressões faciais ou posturas corporais se destacavam durante as sessões? Como esses sinais não verbais se relacionavam com o conteúdo verbal ou o contexto emocional dos participantes?
3. **Contribuição da escuta para a cura:** De que maneira o processo de escuta favoreceu a emergência de conteúdos inconscientes? Houve evidências de transformação emocional ou cognitiva nos adolescentes ao longo das sessões?

Os dados foram organizados em categorias temáticas, que refletem os principais aspectos observados no comportamento dos adolescentes. Posteriormente, essas categorias foram analisadas e discutidas à luz das contribuições teóricas de autores como Nasio (1999), Abel (2013) e Akhtar (2016).

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A confidencialidade dos dados foi assegurada, e todos os adolescentes e suas famílias foram informados sobre o propósito da pesquisa, o que garantiu a participação voluntária e consciente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É crucial para interpretar os dados coletados durante as observações e relacioná-los com a teoria apresentada na revisão de literatura. A ideia é explorar os padrões observados e entender como a escuta psicanalítica contribuiu para o processo de intervenção e cura dos adolescentes.

Nos Resultados, deverá constar a esquematização dos dados encontrados, na forma de categorias analíticas e sistematização dos achados empíricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada com os quatro adolescentes revelou aspectos profundos sobre a importância da escuta no processo psicanalítico, destacando a relevância de observar não apenas o que é dito verbalmente, mas também o que se manifesta por meio de silêncios e sinais não verbais. Ao longo das cinco semanas de observação participante, foi possível identificar padrões de comportamento que refletem as dinâmicas inconscientes desses jovens, revelando como a escuta analítica pode ser uma ferramenta essencial no processo de cura.

PADRÕES DE SILÊNCIO

Os silêncios observados durante as sessões foram variados em suas formas e significados. Conforme apontado por Nasio (1999), o silêncio pode funcionar como uma defesa psíquica, uma resistência frente à exposição de conteúdos emocionais difíceis. Em várias sessões, os adolescentes demonstraram períodos prolongados de silêncio quando confrontados com perguntas que envolviam questões pessoais ou emocionais.

Por exemplo, durante uma sessão, um dos adolescentes manteve-se em silêncio após uma pergunta sobre seus relacionamentos familiares. Ao observar sua postura, notou-se que ele evitava o contato visual e mudava de posição com frequência. Este comportamento foi interpretado como uma tentativa de

evitar o confronto com emoções dolorosas associadas ao tema familiar. Para Nasio (1999), esses silêncios são indícios de processos inconscientes em ação, onde o paciente evita tocar em conteúdos que ainda não foram completamente simbolizados.

A escuta psicanalítica, nesse contexto, permitiu que o silêncio fosse respeitado e interpretado como parte do processo. O analista, ao não forçar o adolescente a falar, possibilitou que, com o tempo, se sentisse à vontade para abordar o tema. Na semana seguinte, o adolescente espontaneamente trouxe à tona o assunto, revelando angústias profundas sobre a relação com os pais, o que confirma a ideia de que a escuta ativa pode facilitar a emergência de conteúdos reprimidos (Abel, 2013).

SINAIS NÃO VERBAIS

Outro ponto importante observado foi a riqueza de comunicação por meio de sinais não verbais. De acordo com Akhtar (2016), gestos, expressões faciais e posturas corporais podem ser manifestações inconscientes, refletindo estados emocionais que o paciente não consegue expressar verbalmente. Ao longo das sessões, os adolescentes frequentemente utilizaram tais sinais para comunicar angústia, desconforto ou resistência.

Por exemplo, um adolescente frequentemente cruzava os braços e mantinha o olhar fixo no chão quando era questionado sobre seus sentimentos. Essa postura defensiva foi interpretada como um sinal de resistência à exposição emocional. No entanto, à medida que o processo analítico avançou e a relação de confiança com o pesquisador/analista foi se consolidando, houve uma mudança significativa na postura corporal do adolescente. Ele passou a adotar uma postura mais relaxada e a fazer contato visual mais frequente, o que indicava uma maior disposição para se abrir e falar sobre suas emoções.

Esses sinais não verbais revelaram-se valiosos para o processo terapêutico, pois indicavam mudanças sutis no estado emocional dos adolescentes, muitas vezes antes mesmo que eles estivessem prontos para verbalizar seus sentimentos. O papel do analista, neste contexto, foi o de acolher essas manifestações e permitir que elas se desdobrassem, sem forçar interpretações imediatas ou invasivas.

CONTRIBUIÇÃO DA ESCUTA PARA A CURA

Ao longo das sessões, ficou evidente que a escuta desempenhou um papel crucial no processo de intervenção e cura dos adolescentes. Conforme discutido por Coutinho (2007), a escuta psicanalítica não é apenas um meio de captar informações, mas uma forma de intervenção em si mesma. Ao ouvir de forma ativa e sem julgamentos, o analista oferece um espaço seguro para que o paciente explore seus conflitos internos e traga à consciência conteúdos inconscientes.

Durante o estudo, foi possível observar que os adolescentes que inicialmente demonstravam maior resistência e dificuldade em se expressar começaram a apresentar mudanças significativas em seus comportamentos e emoções. Um exemplo marcante foi o de um adolescente que, nas primeiras sessões, mostrava-se extremamente fechado e indeciso. No entanto, ao longo das semanas, ele começou a trazer relatos mais detalhados sobre suas experiências pessoais, expressando emoções que antes pareciam reprimidas.

Esse processo de abertura foi facilitado pela postura de escuta adotada pelo analista, que, segundo Akhtar (2016), atua como um catalisador para a emergência do inconsciente. A escuta não invasiva, que respeita o tempo e o ritmo do paciente, contribuiu para que os adolescentes pudessem se sentir compreendidos e, conseqüentemente, mais dispostos a explorar seus próprios sentimentos e emoções.

A SUBJETIVIDADE DO ANALISTA E O IMPACTO NO PROCESSO

Outro aspecto importante identificado foi o papel da subjetividade do analista no processo de escuta. Coutinho (2007) sugere que o analista deve estar ciente de sua própria subjetividade e utilizar suas reações emocionais de forma controlada, a fim de aprofundar o entendimento do paciente sem interferir negativamente no processo terapêutico. Durante as observações, foi notável que as respostas emocionais do analista, quando devidamente controladas, ajudaram a criar um ambiente de empatia e acolhimento.

Em algumas situações, o analista precisou lidar com sentimento de frustração ou desconforto, especialmente quando os adolescentes se mostravam mais resistentes à intervenção. No entanto, conforme Abel (2013) discute, a habilidade do analista em realizar “regressões controladas” permitiu que essas emoções

fossem gerenciadas de forma a não interferir no andamento das sessões. Ao contrário, essas experiências permitiram que o analista desenvolvesse uma compreensão mais profunda das dificuldades emocionais dos adolescentes.

TRANSFORMAÇÕES OBSERVADAS

Ao final das cinco semanas de observação, foi possível notar mudanças importantes no comportamento dos adolescentes. Houve uma melhora na capacidade de expressar emoções e falar sobre suas experiências pessoais. Muitos dos participantes relataram sentir-se mais aliviados após as sessões, sugerindo que o processo de escuta ajudou a reduzir a angústia associada a conflitos internos não resolvidos.

Essas mudanças reforçam a tese de que a escuta psicanalítica pode, de fato, contribuir para o processo de cura emocional dos pacientes, especialmente em contextos de vulnerabilidade, como o vivido por adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A capacidade do analista em escutar ativamente, sem pressa de oferecer interpretações ou soluções, revelou-se um elemento chave no processo de transformação observado.

CONCLUSÃO

Este estudo explorou a relevância da escuta no processo psicanalítico e como essa prática pode contribuir para processo de cura emocional de adolescentes em situação de vulnerabilidade ou não. Por meio da observação participante realizada com quatro adolescentes, foi possível identificar que a escuta não se limita apenas ao ato de ouvir verbalmente, mas envolve uma atenção cuidadosa a silêncios, sinais não verbais e dinâmicas emocionais que permeiam o ambiente analítico.

Os resultados da pesquisa demonstraram que os silêncios e as manifestações não verbais frequentemente revelam conteúdos inconscientes que, se não forem abordados, podem dificultar a intervenção terapêutica. Ao respeitar esses momentos de silêncio e permitir que os adolescentes se expressassem no seu próprio tempo, o analista criou um espaço seguro que favoreceu a emergência de conflitos internos e emoções reprimidas.

Além disso, a pesquisa ressaltou a importância da subjetividade do analista. A habilidade de lidar com suas próprias emoções e reações, realizando “regres-

sões controladas”, mostrou-se essencial para garantir um ambiente de empatia e acolhimento, permitindo que os adolescentes se sentissem compreendidos e, portanto, mais dispostos a explorar suas experiências e sentimentos.

As transformações observadas nos adolescentes ao longo das cinco semanas de observação indicam que a escuta psicanalítica pode, de fato, atuar como um poderoso vetor de cura. Os participantes não apenas relataram um alívio emocional, mas também uma maior capacidade de se expressar e de compreender suas próprias vivências.

Por fim, este estudo enfatiza a necessidade de uma formação contínua para os profissionais de saúde mental, que devem ser capacitados a ouvir ativamente, considerando não apenas o que é dito, mas também o que permanece nas entrelinhas. A escuta, como objeto de estudo e prática, deve ser constantemente revisitada e aprimorada, uma vez que é um dos pilares fundamentais da intervenção psicanalítica.

Sugere-se que futuras pesquisas explorem a escuta em outros contextos clínicos, envolvendo diferentes faixas etárias e condições de saúde mental, ampliando o entendimento sobre como essa prática pode ser uma ferramenta eficaz para a intervenção e a promoção da saúde mental.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Embora este estudo tenha proporcionado insights significativos sobre a importância da escuta na psicanálise, algumas limitações devem ser consideradas ao interpretar os resultados.

- 1. Tamanho da Amostra:** A pesquisa foi realizada com apenas quatro adolescentes, o que pode limitar a generalização dos resultados. Uma amostra maior poderia oferecer uma visão mais abrangente e representativa das experiências de adolescentes em diferentes contextos e com diversas vivências emocionais.
- 2. Contexto Específico:** A pesquisa foi conduzida com adolescentes unicamente de escola pública, o que pode influenciar os resultados devido a características específicas do ambiente escolar, como a cultura institucional e as dinâmicas sociais entre os alunos. Futuros estudos poderiam incluir uma diversidade de contextos (como escolas privadas

ou programas de saúde mental) para ampliar a compreensão sobre a escuta em psicanálise.

- 3. Subjetividade do Pesquisador:** Como o pesquisador atuou como observador participante, sua própria subjetividade pode ter influenciado a interpretação dos dados. As experiências pessoais e as emoções do analista podem afetar a forma como os silêncios e os sinais não verbais dos adolescentes foram percebidos e analisados. É essencial reconhecer que a interpretação é sempre uma construção, e a presença do pesquisador pode ter impactado o comportamento dos participantes.
- 4. Duração do Estudo:** A pesquisa foi realizada ao longo de cinco semanas, um período relativamente curto para captar mudanças significativas no processo psicanalítico. Estudos de longo prazo poderiam oferecer uma compreensão mais profunda das transformações que ocorrem na dinâmica da escuta e no processo de cura dos pacientes.

Essas limitações sugerem que os resultados devem ser interpretados com cautela e que mais pesquisas são necessárias para aprofundar a compreensão da escuta na psicanálise, especialmente em diferentes contextos e com amostras mais amplas.

REFERÊNCIAS

D ABAL, H. (2013). *Psicanálise e Subjetividade: uma introdução à psicanálise contemporânea*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.

AKHTAR, S. (2016). *Psychodynamic Therapy: A Guide to Evidence-Based Practice*. New York: Routledge.

BARDIN, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

COUTINHO, M. (2007). *A escuta psicanalítica: uma prática de acolhimento*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa Educacional: Qualitativa e Quantitativa*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

NASIO, J. D. (1999). *O que é um psicanalista?* São Paulo: Editora Brasiliense.

MINAYO, M. C. de S. (2009). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes.